

Entrevista com Herbert Marcuse

A revolução pela repulsa

*Stefan Fornos Klein**

APRESENTAÇÃO

Herbert Marcuse, filósofo e teórico social nascido em Berlim em 1898, experienciou contextos políticos conturbados na Alemanha, incluindo a Primeira Guerra Mundial e a ascensão do partido que provocaria a Segunda Guerra Mundial e o holocausto. Desde a sua juventude esteve, dessa maneira, envolvido em um ambiente de efervescência política – tendo sido, como ele próprio revela em entrevistas, bastante marcado pela figura de Rosa Luxemburg na década de 1910. Posteriormente, em meio aos protestos que se alastraram pelo mundo, com ênfase especial nos países assim chamados “desenvolvidos”, ele voltou a se debruçar sobre questões pautadas pelas contradições que se faziam presentes na sociedade afluyente.

A teoria social de Marcuse caracteriza-se pela peculiaridade de procurar levar adiante a crítica em todas as instâncias. Desse modo, evidentemente, conseguiu atrair para si diversos adversários teóricos e políticos: enquanto já em um artigo publicado na década de 1940 elaborava o diagnóstico dos elementos regressivos que compunham o que chamou de “razão tecnológica”, que estaria a disseminar-se com o avanço de uma relação imediata entre meios e fins imanente à sociedade capitalista, em 1958, em sua obra *Marxismo soviético*, delineou as questões que permeavam a sociedade soviética, chamando atenção especial ao fato de ali não estar presente uma estrutura social capaz de descolar-se de alguns dos pressupostos do avanço capitalista, notadamente o problema de um dado tipo de desenvolvimento tecnológico.

Da mesma maneira, ainda que enxergasse nos movimentos estudantis da década de 1960 um importante vetor para o fomento de uma oposição aparentemente erodida, jamais se furtou a também apresentar críticas e ressalvas a algumas ações desses grupos. Assim, como pode ser observado na entrevista cuja tradução a *Plural* publica a seguir,

* Mestre em Sociologia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

endereça-se a questões em voga naquele contexto, com destaque para as dificuldades de como estabelecer a prática da oposição, que encontra dificuldades em face de um mundo de possibilidades de consumo que aparentam ser ilimitadas, e sem deixar de lado o problema da origem social desse movimento, que outrora era derivado tão somente da “classe trabalhadora” e, agora, encontra-se disperso por grupos socialmente estratificados, muitos deles formados nas ditas instituições burguesas. Precisamente, em virtude dessas limitações, fazia questão de apontar como ali não se fazia presente uma revolução, mas que apenas surgia um movimento cujo papel era questionar alguns dos ditames da realidade social e escancarar as contradições subjacentes à reprodução daquela sociedade.

É também no esteio dessa interpretação que Marcuse conjuga diversos dos elementos que integram sua teoria social, como a psicanálise e o materialismo histórico-dialético, para nomear dois dos mais importantes. Aventa, assim, a idéia da “nova sensibilidade”, entendendo que seja impraticável falar em uma oposição *de facto* sem remeter à necessidade de essa organização pautar-se por um conceito de política que integre a constituição física do ser humano, sendo essa derivada de sua formação social. Desse modo afirma: “*Acredito que o conceito de nova sensibilidade retoma um conceito central da teoria de Marx, qual seja, a revolução socialista só pode ser provocada por uma classe cujas necessidades e interesses não sejam mais os de uma sociedade de classes, quer dizer, por uma classe que defende um novo tipo de ser humano e uma reformulação radical de todos os valores. Acredito que o começo dessa reformulação, sobre uma base bastante profunda, está presente na nova geração e, em especial, entre os estudantes militantes*”.

A REVOLUÇÃO PELA REPULSA

“Revolution aus Ekel”¹ (entrevista concedida ao semanário *Der Spiegel* em 28/07/1969). In: KRAUSHAAR, Wolfgang (Org.). *Frankfurter Schule und Studentenbewegung: von der Flaschenpost zum Molotowcocktail 1946 bis 1995*. Hamburg/Frankfurt am Main, Rogner & Bernhard bei Zweitausendeins, 1998, v. 2, pp. 655-660 [original: *Der Spiegel* vom 28. Juli 1969, 23. Jg., Nr. 31, pp. 103-106].

SPIEGEL: Senhor professor Marcuse, o senhor é um dos pais da Nova Esquerda, que agora em parte se revolta contra o senhor. O que o senhor diria a respeito?

MARCUSE: Eu rejeito essa bobagem de pai ou avô. Não sou nem pai nem avô da Nova Esquerda. De fato, observou-se uma grande coincidência entre as minhas idéias e as experiências que os estudantes tiveram em sua prática e em seu pensamento. Fico muito feliz com essa harmonia. Até que ponto ela vai, não sei. Mas não há, de forma alguma, relação paterna ou patriarcal, o que se depreende, por exemplo, do fato de eu não ter

¹ Agradeço aos comentários, sugestões e às cuidadosas revisões pelas quais essa tradução passou durante a banca da qualificação de mestrado, composta pelas Profas. Dras. Isabel Maria Loureiro, Olgária Matos e Sylvia Gemignani Garcia [N. do T.].

conhecido pessoalmente um estudante francês sequer entre aqueles que tiveram algum papel nas ações de maio e junho.

SPIEGEL: Mas, de fato, após um período de harmonia, surgiram diferenças entre o senhor e o movimento estudantil.

MARCUSE: A diferença diz respeito essencialmente a dois pontos, que são, primeiramente, a relação entre a Nova Esquerda e a cultura burguesa tradicional e, em segundo lugar, à possível tradução [*Übertragung*] da teoria em prática.

SPIEGEL: Quanto ao segundo ponto: o senhor disse acerca da filosofia que ela deveria desembocar em ações. A sua filosofia já estabeleceu relação com a prática?

MARCUSE: Não diria isso. Mas, na minha opinião, o teórico - e falo do teórico marxista - participa da prática ao menos na medida em que toma posição clara em relação às questões políticas, em que participa de manifestações e, em dadas circunstâncias, até mesmo participa da ocupação de edifícios, e daí por diante.

SPIEGEL: Então o senhor não compartilharia a reserva de Theodor W. Adorno no que diz respeito a essa questão?

MARCUSE: Não. Vejo a diferença entre Adorno e Horkheimer, por um lado, e eu, por outro, em que hoje o próprio conteúdo interno da teoria me obriga a uma tomada de posição prática - ou, dito de outra maneira, o próprio conteúdo é falseado quando uma tomada de posição dessas não ocorre. O conceito de mediação não pode tornar-se uma desculpa.

SPIEGEL: Quem dá tanto valor à unificação entre teoria e prática deveria estar orgulhoso do papel de pai que lhe é oferecido.

MARCUSE: Acho que posso dizer-lhe porque rejeito esse papel. Eu gostaria muito de ser o pai da Nova Esquerda, caso esse papel de pai não implicasse uma autoridade que costuma ser aceita de bom grado pelas crianças, em maior ou menor grau. Justamente esse posicionamento autoritário-paternalista é para mim inaceitável.

SPIEGEL: Isso não poderia ser entendido, nesta situação, como um distanciamento em relação ao movimento de protesto?

MARCUSE: O senhor não deve, de forma alguma, a partir da minha rejeição do papel de pai ou avô, supor que eu rejeito o movimento em si. Há coisas no movimento com as quais eu não gostaria de me identificar de maneira alguma. Mas atualmente considero o movimento enquanto tal, nos países industrializados avançados, talvez como a mais importante oportunidade, senão a única, de uma futura transformação radical...

SPIEGEL: ...uma revolução?

MARCUSE: Nós não estamos numa situação revolucionária, provavelmente nem mesmo numa situação pré-revolucionária. Nessas condições, a chance consiste somente num trabalho de preparação, mas um trabalho de preparação que é, hoje, infinitamente mais difícil e infinitamente mais importante do que era antigamente. E é exatamente em relação a esse trabalho de preparação que falo da chance da Nova Esquerda.

SPIEGEL: O senhor disse que os estudantes seriam “porta-vozes”, que “expressariam as necessidades e os anseios das massas silenciosas”. Mas eles não seriam revolucionários. O senhor acredita que o movimento estudantil proporciona uma real possibilidade de transformação da consciência?

MARCUSE: Sim, uma transformação da consciência e da sensibilidade, que é hoje pré-requisito da transformação social radical.

SPIEGEL: E o senhor crê que essas transformações estão ligadas a ações militantes e agressivas?

MARCUSE: Aí precisamos chegar a um acordo sobre o que queremos dizer com militante e, em especial, com agressivo.

SPIEGEL: O senhor mesmo disse que os estudantes – na medida em que fizeram uso de violência – estavam na defensiva, que a sua maneira de fazer uso da violência era apenas uma resposta à violência da sociedade.

MARCUSE: Hoje eu daria mais um passo. Hesito cada vez mais em aplicar o conceito de violência ou a palavra violência àquilo que os estudantes fazem. Quando olhamos para as ações dos adversários, como, por exemplo, em Berkeley, mas certamente não apenas lá, então é, de fato, duvidoso que lançar tomates e ovos e derrubar portas possa realmente ser descrito como violência; eu chamaria isso de defensivo...

SPIEGEL: ...em comparação com a violência aplicada pelas autoridades?

MARCUSE: Sim, com helicópteros, bombas de gás, balas de chumbo, cassetetes e tudo mais.

SPIEGEL: Senhor Marcuse, o senhor disse que o filósofo deve hoje tomar parte nas manifestações, talvez até mesmo na ocupação de instituições...

MARCUSE: ...eu falava de edifícios.

SPIEGEL: O senhor mesmo participou de ocupações de edifícios desse tipo?

MARCUSE: Sim.

SPIEGEL: Poderíamos saber mais a respeito?

MARCUSE: Isso ocorreu no contexto da fundação de uma faculdade a partir dos problemas das minorias raciais e nacionais oprimidas em San Diego, a Faculdade Lumumba-Zapata, que deveria ser dirigida por negros e mexicanos. Para pôr em prática as suas reivindicações, eles ocuparam, juntamente com estudantes brancos de esquerda, as salas da tesouraria. Durante a manifestação, da qual tomei parte, uma porta foi derrubada. Esse foi o único ato de violência que ocorreu. E prontamente ofereci-me para arcar com os custos da reinstalação da porta. Eu não chamaria isso de participação em qualquer tipo de prática radical. Mas é o que quero dizer com uma tomada de posição que é mais do que uma tomada de posição teórica.

SPIEGEL: ...mas ação com vistas a pôr em prática uma reivindicação?

MARCUSE: Nesse caso, todos sabiam por qual motivo a tesouraria estava sendo ocupada. Mas também precisamos tornar esse fim inteligível para outros grupos além dos manifestantes. Se não se faz isso, uma manifestação dessas parece ser inteiramente irracional, uma provocação.

SPIEGEL: O senhor acredita que também o assim chamado terror individual tem uma função na prática de protesto, como, por exemplo, a ocupação da casa do senhor Röhl, o redator-chefe e editor-chefe da *Konkret* ²?

MARCUSE: O que, de fato, aconteceu nesse caso?

SPIEGEL: Jogaram-se fora algumas peças de móveis, os fios telefônicos foram arrancados e urinaram em sua cama.

MARCUSE: Acho isso repulsivo; não tem nada a ver nem com a velha nem com a Nova Esquerda. Assim como queima de livros e atos de violência contra outros que por si mesmos não fazem uso da violência.

SPIEGEL: O senhor acha que as chances dos movimentos de protesto, do ponto de vista político, desde o seu início na metade dos anos sessenta, melhoraram ou pioraram?

² Konkret, revista de esquerda alemã, inicialmente fundada como revista estudantil por Klaus Rainer Röhl em 1957, e que recebia verbas do governo comunista da República Democrática Alemã. A revista, apesar de algumas interrupções em sua publicação, existe até hoje [N. do T.].

MARCUSE: As chances melhoraram. Contra a opinião da maioria, eu acho que o movimento de maio/junho na França não foi uma derrota. Ele não foi, de forma alguma, anulado no decorrer de seu desenvolvimento. Claro que se pôs em atividade um movimento contrário, como era de se esperar. Mas eu diria, sem exagero, que o capitalismo, desde o movimento de maio/junho, não é mais o mesmo, pois, pela primeira vez, foram retomadas formas e métodos de oposição que, na tradição de esquerda, estavam esquecidos e reprimidos, como, por exemplo, a auto-organização, o autocontrole, quando necessário até mesmo contra os sindicatos estabelecidos e os partidos de esquerda.

SPIEGEL: Anteriormente, o senhor não tinha outro juízo acerca da ligação entre o movimento estudantil e os trabalhadores? Em todo caso, Ernst Bloch se alegrou claramente com o fato de o senhor não mais “aceitar a separação sectária entre *intelligentsia* e proletariado”. O senhor teve de se corrigir?

MARCUSE: Creio que não. Nunca afirmei que o movimento estudantil enquanto tal fosse um movimento revolucionário. Também nunca afirmei que uma transformação radical da sociedade fosse imaginável sem uma base de massa. O problema é exatamente em que condições os trabalhadores podem representar uma tal base de massa.

SPIEGEL: Em todo caso, o senhor disse numa conversa anterior com o *Spiegel*: “Por que é que logo o proletariado atual deve ser aquela classe da qual vem a salvação?”

MARCUSE: Admito que foi uma formulação um pouco impertinente, sob a qual, em todo caso, oculta-se a idéia de que hoje o proletariado de Marx não existe mais nos países industriais avançados, e que o papel que foi atribuído por Marx ao proletariado daquela época hoje não pode simplesmente ser atribuído à classe trabalhadora nesses países. Mas aqui vem a pergunta decisiva: quem são os trabalhadores? A própria classe trabalhadora transformou-se sob as condições da sociedade capitalista tardia. A tecnicização da classe trabalhadora é um fato bastante conhecido: aumento constante do número de empregados altamente qualificados, engenheiros, especialistas, cientistas e redução relativa da quantidade dos assim chamados *blue collar workers*.

SPIEGEL: Isso quer dizer que a classe trabalhadora se torna mais burguesa?

MARCUSE: Se ela se torna mais burguesa, eis a questão: nos Estados Unidos, sim, na Alemanha – pelo que ouço –, em sua maior parte, também, e bem menos na França e ainda menos na Itália. A mudança estrutural da própria classe trabalhadora mostra, em todo caso, uma dupla tendência, positiva e negativa. Negativa no sentido da revolução, daquilo que o senhor acabou de chamar de aburguesamento, ou seja, uma integração ainda mais intensa. Positiva, porque novas camadas da população, a saber, a *intelligentsia* técnica, podem adquirir o potencial radical, na medida em que se tornam conscientes da contradição entre o papel decisivo da *intelligentsia* técnica no

processo de produção e a sua perda de poder em relação a todas as questões vitais da sociedade em seu conjunto.

SPIEGEL: Isso não poderia significar que a sociedade, em vez de preparar um processo revolucionário, está se reformando a partir de seu interior?

MARCUSE: Sim, mas o senhor não se esqueça de que ainda sou marxista e, em virtude disso, acredito que haja um ponto em que as reformas não ajudam mais, e em que todas as reformas não podem anular ou, pelo menos, suspender a contradição essencial, interna ao sistema capitalista. Acredito que essa contradição interna – cuja forma mais geral é o conflito cada vez mais evidente entre a enorme riqueza social, de um lado, e a sua terrível utilização repressiva, de outro – que essa mesma contradição não pode ser resolvida no interior do sistema capitalista, apesar de todas as reformas.

SPIEGEL: Decorre daí a necessidade da Grande Recusa da qual o senhor falou: a recusa em colaborar com as instituições dessa sociedade?

MARCUSE: Primeiramente, a Grande Recusa não pode ser entendida como uma rejeição abstrata de toda a cultura burguesa, até mesmo porque essa rejeição é impossível. Mesmo aquele que recusa [*Verweigerer*] do modo mais radical é, ainda, em um sentido definível, herdeiro da cultura burguesa, até mesmo em sua negação. Muitos de seus conceitos, muito de sua racionalidade e sensibilidade originam-se da tradição crítico-radical burguesa. Mesmo quando trabalhamos contra a cultura burguesa, ainda trabalhamos internamente à cultura burguesa.

SPIEGEL: Isso também vale para Cohn-Bendit, quando ele faz um filme com Godard, aparece na televisão burguesa ou quando vende seu livro à editora Rowohlt.

MARCUSE: Em todo caso, não o censuraria como ele me censurou por ter falado num “teatro burguês” e ter escolhido uma “forma de comunicação burguesa”. Sou da opinião de que isso não depende do local geográfico em que se fala, mas sim daquilo que se fala. Sou – quero dizer isso expressamente – da mesma opinião de Cohn-Bendit de que foi um preço alto demais a pagar. Mas, na Itália, nem o partido comunista, nem os sindicatos, nem o movimento estudantil me convidaram.

SPIEGEL: O senhor fez uso de uma instituição burguesa. O que o senhor pensa a respeito das tentativas de fundar contra-instituições? Em Berlim, a “Universidade Crítica” foi um primeiro passo nesse sentido.

MARCUSE: Uma reestruturação radical da universidade é hoje, de fato, uma das principais reivindicações da Nova Esquerda. Uma parte decisiva da futura nova classe trabalhadora é preparada [*ausgebildet*] nas universidades e escolas: a *intelligentsia* técnica, que

ocupará cada vez mais postos-chave no processo de produção. A politização dessa *intelligentsia* é uma tarefa urgente.

SPIEGEL: Mas essa reestruturação da universidade não quer dizer a sua destruição?

MARCUSE: Não, diversas vezes rejeitei o objetivo da destruição da universidade. Esse é mais um dos exemplos em que uma instituição da cultura burguesa pode ser usada para preparar uma transformação radical do pensamento e mesmo da prática. Pelo que sei, foi Noam Chomsky quem disse que, pela lógica da destruição absoluta, Marx deveria ter ateadado fogo ao Museu Britânico em vez de trabalhar nele.

SPIEGEL: Ou seja, uma prática subversiva na sociedade existente?

MARCUSE: Na sociedade existente, mas não para essa sociedade. Gostaria aqui de lembrar um conceito de Marx que acerta na mosca a diferença, qual seja, a descrição do proletariado como uma classe nessa sociedade, mas não dessa sociedade.

SPIEGEL: O senhor vê formas de organização da Nova Esquerda que sejam adequadas a esse trabalho e aos outros objetivos?

MARCUSE: Essa pergunta somente pode ser respondida em conexão [com] a prática concreta. De modo geral, pode-se dizer: a Nova Esquerda precisa achar formas de organização que correspondam e se contraponham às novas formas de organização e de repressão do capitalismo tardio. Em todo caso, ficou evidente que as formas tradicionais do partido de massas e do sindicato, mais ou menos centralizados e burocratizados, foram ultrapassadas pelo desenvolvimento do capitalismo.

SPIEGEL: Da mesma maneira, o senhor apontou para o fato de que, sem uma forma de organização mais rigorosa do que aquela existente até hoje, não é possível colocar-se contra uma sociedade “que está mobilizada e organizada na sua totalidade contra qualquer movimento revolucionário”.

MARCUSE: Certamente, mas uma forma de organização mais rigorosa não quer dizer, de modo algum, as velhas formas do partido de massas centralizado e burocratizado. Pois, infelizmente, aprendemos que, quando é realmente necessário, uma tal forma de organização pode ser neutralizada em 24 horas. Isso já vimos em 1933. O que quero dizer com formas de organização mais rigorosas são métodos de colaboração extremamente flexíveis e variáveis, que podem articular a iniciativa a partir de baixo e direcioná-la com vistas a certos objetivos políticos. Quer dizer, da espontaneidade precisam originar-se formas de organização que, por sua vez, podem novamente influenciar a espontaneidade e guiá-la numa certa direção, que vá politicamente além da motivação local e do objetivo colocado localmente.

SPIEGEL: O senhor poderia dar um exemplo concreto dessas novas formas de organização da Nova Esquerda?

MARCUSE: Penso em Hannover. O que aconteceu por lá, antes de mais nada, parece um objetivo totalmente insignificante, de modo algum político e muito reformista, e uma mobilização igualmente insignificante. Mas é exatamente o contrário. Aqui se apresenta a ocasião imediata, numa clara ligação com o objetivo final, de mostrar toda a irracionalidade, toda a corrupção e repressão do sistema capitalista concentrados no decreto do aumento das tarifas dos bondes. Simultaneamente, essa ação levou a uma solidariedade que transcende aquela dos estudantes universitários e secundaristas e que não abarcou somente os trabalhadores, mas também a burguesia. Refiro-me ao sistema dos pontos vermelhos³: os proprietários de automóveis repentinamente mostraram sua solidariedade com os estudantes universitários, secundaristas e trabalhadores que faziam bloqueios e estavam em greve. A *Rote Presse Korrespondenz*⁴ fornece uma ótima análise dessa ação.

SPIEGEL: Por que esse é um caso-modelo para a organização do movimento de protesto?

MARCUSE: Na medida em que mostrou que a espontaneidade deve ser organizada como um trabalho minucioso [*Kleinarbeit*] para tornar-se politicamente eficaz.

SPIEGEL: O senhor ainda vê outros exemplos?

MARCUSE: Sim, a grande greve nas indústrias Pirelli. De acordo com os relatos que li, desenvolveu-se, de fato, uma forma de organização que é nova e verdadeiramente revolucionária, qual seja, o autocontrole dos trabalhadores sobre a produção, a auto-organização da produção pelos trabalhadores. O milagre não é apenas que a fábrica continuou a funcionar, apesar de os trabalhadores terem reduzido por conta própria todo o sistema de salários por tarefa [*Akkordlöhne*] e cronometragem, mas que isso tenha ocorrido em grande parte com a ajuda de trabalhadores jovens, pouco qualificados, os quais apenas recentemente foram trazidos do sul da Itália para o norte industrializado. Essa greve mostrou que toda a complicada hierarquia do sistema fabril moderno é fungível, ou seja, pode de fato ser substituída num tempo mínimo pela auto-organização dos produtores.

³ O sistema dos pontos vermelhos foi primeiramente aplicado em Hannover, em 1969, por ocasião de protestos contra o aumento das tarifas do transporte público. Foram confeccionados adesivos com um ponto vermelho que eram colados nos carros, mostrando que aquele motorista estava disposto a oferecer uma carona a quem necessitasse de transporte [N. do T.].

⁴ Correspondência da Imprensa Vermelha. Este semanário, criado em 22 de fevereiro de 1969 como órgão de divulgação de diversas tendências alemãs da oposição extra-parlamentar de esquerda surgidas no contexto do "movimento de 68", tornar-se-ia a revista oficial do Partido Comunista da Alemanha ("Kommunistische Partei Deutschlands"), fundado em 1970. Foi editada até novembro de 1975 [N. do T.].

SPIEGEL: Paris, Pirelli e Hannover – o senhor afirma, então, que a barreira entre o movimento estudantil e os trabalhadores está sendo desmontada?

MARCUSE: Ela pode, pelo menos, tornar-se aberta a determinados grupos em determinadas áreas, em especial na Itália, num grau menor na França, talvez menos na Alemanha e com certeza pouquíssimo nos Estados Unidos.

SPIEGEL: O senhor considera, então, a “longa marcha através das instituições” citada por Dutschke – um período de várias décadas – como necessária?

MARCUSE: Como absolutamente necessária! Atalhos sempre podem ocorrer. Mas um dos maiores erros seria subestimar o poder, a violência [*Gewalt*] do sistema capitalista tardio.

SPIEGEL: Não se subestima esse poder, em particular, quando se concede aos intelectuais um papel proeminente na transformação da sociedade? O senhor, professor Marcuse, foi acusado de separar o movimento estudantil dos trabalhadores.

MARCUSE: Que besteira! Como se eu pudesse separar o que está ligado na realidade social! Não acredito, de forma alguma, que enfatizar o papel do movimento estudantil represente uma subestimação do poder do sistema capitalista, pelo contrário. Eu repito, esse sistema não se encontra numa situação revolucionária. Nessas condições, a tarefa é uma tarefa preparatória, qual seja, a irrupção da consciência acerca daquilo que é feito não apenas à classe trabalhadora, mas a todas as camadas da população, com exceção das dominantes.

No que se refere à separação entre o movimento estudantil e o movimento operário, primeiramente, uma contrapergunta: qual movimento operário? Nos Estados Unidos, nem sequer existe movimento operário politizado. Nos outros países, nem eu nem teoria alguma separou o movimento estudantil do movimento operário, mas o próprio movimento operário desenvolveu-se numa direção que, de modo algum, era capaz de combater as contradições imanentes ao capitalismo. A política de colaboração econômico-reformista, tal como praticada pelos sindicatos e pelos partidos comunistas sovieticamente orientados, jogou de acordo com os interesses do capitalismo...

SPIEGEL: ...o que outros afirmam a respeito do senhor. Um certo senhor Matthias, por exemplo, chamou o senhor de agente da CIA.

MARCUSE: Estou convencido de que essas baixezas são espalhadas por grupos e figuras falidos da velha esquerda que fogem da argumentação e tentam assim, por meio de calúnias, desvalorizar ou desacreditar as idéias que discuto, que lhes são, evidentemente, muito desagradáveis. Além disso, as calúnias não se direcionam a mim, mas servem ao descrédito da Nova Esquerda e, em especial, do movimento estudantil.

SPIEGEL: O senhor disse que, no movimento de protesto existente, já é possível vislumbrar uma nova qualidade humana, uma “nova sensibilidade”. O que o senhor entende por isso?

MARCUSE: Acredito que o conceito de nova sensibilidade retoma um conceito central da teoria de Marx, qual seja, a revolução socialista só pode ser provocada por uma classe cujas necessidades e interesses não sejam mais os de uma sociedade de classes, quer dizer, por uma classe que defende um novo tipo de ser humano e uma reformulação radical de todos os valores. Acredito que o começo dessa reformulação, sobre uma base bastante profunda, está presente na nova geração e, em especial, entre os estudantes militantes.

SPIEGEL: O senhor quer dizer que uma revolução não se origina de crises econômicas, mas sim de uma transformação da consciência, uma espécie de revolução cultural? Isso não é pensar de forma não marxista?

MARCUSE: Essa crítica ignora completamente a ligação interna que existe entre os conceitos filosóficos do jovem Marx e a sua teoria econômica posterior. Eu acredito que não se pode, de jeito nenhum, entender seu conceito de socialismo, se não se vê que, por meio da revolução, o ser humano deve ser libertado, inclusive, no que se refere a sua constituição fisiológico-sensitiva. Quando a transformação necessária das relações de produção e do modo de produção, que permanece um pré-requisito fundamental, não é encarnada e realizada por tais novos seres humanos, entra em prática aquilo mesmo que Marx descreveu uma vez com a seguinte expressão: então toda a velha merda recomeça.

Os trabalhadores são uma classe revolucionária exatamente na medida em que não estão enredados no sistema de necessidades da sociedade capitalista. Quanto mais esse passado domina a classe trabalhadora, tanto mais volta a tornar-se válido o enunciado [*Satz*] segundo o qual se pode “levar a consciência de classe ao trabalhador apenas de fora” (Lenin). Essa possibilidade de desenvolvimento da consciência persiste hoje nas camadas não-integradas da população, em especial, nos jovens trabalhadores e nos estudantes militantes. Apenas uma classe trabalhadora não-enredada pode assumir a iniciativa revolucionária. Esse não-enredamento subsiste nos países que são vítimas do imperialismo: lá, a exploração nua e crua [*unverhüllt*] e a repressão nua e crua são os motores da revolução.

SPIEGEL: O senhor vê indícios desse novo ser humano e dessas novas necessidades no movimento de protesto?

MARCUSE: Sim, vejo indícios. Procurei descrevê-los no meu livro *Ensaio sobre a libertação*. Mas gostaria de apontar para algo que fala a favor da irrupção de novos valores no movimento de protesto. E estou perfeitamente consciente de expor-me entusiasticamente [*begeistert*] ao ridículo. Não me parece uma coincidência que, nas duas vezes em que

houve manifestações representativas nos Estados Unidos que foram recebidas com a mais violenta reação, estava em jogo um parque⁵, a saber, no ano passado na Universidade de Colúmbia e, em maio deste ano, em Berkeley. Afinal, deveríamos acostumar-nos com o fato de que precisamos enfrentar uma idéia quase incompreensível para a velha esquerda, de que a revolução, caso venha a ocorrer nos países capitalistas tecnicamente mais avançados, com toda a probabilidade, não terá sua origem na miséria e no empobrecimento, mas sim, e isso é muito difícil de ser formulado, no quê?

SPIEGEL: Na sociedade afluyente?

MARCUSE: ...em uma repulsa insuportável perante a maneira pela qual a assim denominada sociedade de consumo abusa da riqueza social e a desperdiça, enquanto, fora das metrópoles, ela continua a disseminar de modo bastante intenso a miséria e a repressão. Uma repulsa dessas não é um fator psicológico, mas sim uma reação política radical, que em virtude de suas próprias forças tende à recusa e posteriormente à rebelião.

SPIEGEL: Senhor professor Marcuse, obrigado por esta conversa.

Recebido para publicação em 20 de novembro de 2007
Aprovado em 11 de fevereiro de 2008

⁵ Aqui, Marcuse refere-se às disputas em torno da proibição, por parte do reitor, da utilização de um parque, pertencente à universidade, para atividades organizadas pelos movimentos de protesto [N. do T.].